

II.5.2.6 - Caracterização da Avifauna

As aves marinhas constituem um grupo muito diversificado de espécies que se adaptaram com grande eficiência ao ambiente marinho. No Brasil foram registradas 96 espécies de aves marinhas e costeiras, o que equivale a cerca de 5% das 1832 espécies de aves que compõe a avifauna brasileira (Neves, *et al.*, 2006 e CBRO, 2011), sendo a maioria composta por espécies migratórias procedentes do Hemisfério Norte entre os meses de setembro a maio e do extremo meridional entre maio e agosto (Vooren & Brusque, 1999).

Dentre as espécies marinhas, 4% são da ordem Sphenisciformes (pinguins), 46% Procellariiformes (albatrozes e petréis), 16% Pelecaniformes (fragatas e atobás), e 34% Charadriiformes – Subordem Lari (gaivotas-rapineiras e trinta-réis) e *Chionis alba*. Das famílias Diomedidae (albatrozes), Fregatidae (fragatas), Sulidae (atobás), Sternidae (trinta-réis) e Stercoraridae (gaivotas-rapineiras), entre 46 e 100% das espécies têm sido registradas na costa brasileira. Essas cifras são evidências da elevada importância do Brasil com relação à riqueza de aves marinhas e costeiras em nível mundial. Das espécies comumente encontradas na costa do Brasil, algumas são residentes, outras migrantes do Hemisfério Norte e outras migrantes de regiões mais ao sul, demonstrando a importância da Região Sudeste-Sul brasileira como local de alimentação para populações que nidificam em locais distantes e ainda para as aves que aqui se reproduzem (Neves, *et al.*, 2006).

Neste contexto é válido ressaltar que a costa do Rio Grande do Sul é rica em áreas úmidas e sistemas lagunares, o que confere grande oferta e abundância de alimento disponível para diversas espécies de aves aquáticas, migratórias ou não. Neste âmbito, há de se destacar na região sul deste Estado a Estação Ecológica do Taim, e no litoral médio, região confrontante à área do Bloco BM-P-02, o Parque Nacional da Lagoa do Peixe, considerada também um Sítio Ramsar (áreas úmidas muito produtivas e de grande diversidade biológica), e incluída na lista de zonas úmidas de importância internacional. A produtividade da lagoa atrai grandes

concentrações de aves migratórias do hemisfério Norte (no verão) e Sul (no inverno), dentre elas as capororocas (*Coscoroba coscoroba*), os flamingos (*Phoenicopterus ruber*), os biguás (*Phalacrocorax brasilianus*), os maçaricos-de-peito-vermelho (*Zonibyx modestus*), as gaivotas (*Larus spp*), os talha-mares (*Rynchops niger*), os pirus-pirus (*Haematopus palliatus*), os trinta-réis (*Thalasseus spp* e *Sterna spp*), os maçaricos (*Calidris spp*, *Chionis spp* e *Tringa spp*) e o cisne-de-pescoço-preto (*Cygnus melanocoryphus*).

O Brasil possui o mais extenso litoral inter e subtropical do mundo, com cerca de 8 mil Km de extensão (Ab'Saber, 2001). Apesar dessa extensão, da presença de estuários, ilhas costeiras e oceânicas, o mar brasileiro é considerado pobre em aves marinhas, em consequência da baixa produtividade das águas tropicais (Sick, 2001). No entanto, para a costa sul do Brasil a importância como área de alimentação pode ser atribuída a características oceanográficas dominantes. Nesta região, as águas são influenciadas pela Convergência Subtropical (formada pelo encontro das águas tropicais, pobre em nutrientes e trazidas pela corrente do Brasil, com as águas subantárticas, ricas em nutrientes e trazidas pela corrente das Malvinas/Falklands), juntamente com as águas de origem continental provenientes da descarga da Lagoa dos Patos e Rio da Prata, resultando em uma alta biomassa de fitoplâncton sobre a plataforma e talude, e conseqüentemente o aumento da produtividade primária na região (Castello e Möller, 1977; Niechenski & Fillman, 1998 e Odebrecth & Garcia, 1998).

II.5.2.6.1 - Aves Marinhas Costeiras e Oceânicas da Área de Influência

Segundo Branco (2004), embora não exista uma definição totalmente precisa, consideram-se aves marinhas as espécies que obtém seu alimento desde a linha da baixa mar até o mar aberto. Neste contexto, as aves marinhas costeiras são aquelas que além de se alimentar dos recursos do mar, usam os ecossistemas costeiros para descanso e/ou reprodução. As aves marinhas oceânicas ou pelágicas passam a maior

parte da vida em alto mar, buscando os ambientes costeiros ocasionalmente, geralmente para fins reprodutivos.

Na área de influência da atividade ocorrem tanto aves marinhas de hábito costeiro e estuarino, como as que habitam o ambiente oceânico sobre a quebra da plataforma e o talude continental. O “Mapa de Ocorrência, Rotas de Migração, Área de Concentração da Biota” (**Anexo II.5.2.5-1**) apresenta a distribuição das aves marinhas de provável ocorrência na região de estudo, além da ictiofauna, cetáceos e quelônios.

Em relação à avifauna da área de influência da atividade de perfuração do Bloco BM-P-2 e adjacências, há dados de expedições realizadas no âmbito do Programa REVIZEE Score Sul e Projeto Argos (entre Itajaí/SC e o Chuí/RS, sobre a plataforma e talude continentais, em profundidades entre 200 e 1500 m), cujos dados foram publicados por Neves et al. (2006); e pesquisas realizadas por grupos de pesquisa em ornitologia da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) no âmbito do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), a bordo do Navio de Apoio Oceanográfico Ary Rongel nos trajetos Rio de Janeiro/ RJ – Rio Grande/RS – Ilha Rei George/Antártica, publicadas por Krüger & Petry (2011) e Oliva (2004). Também foram utilizadas publicações referentes a monitoramentos de praias para a identificação de carcaças de aves marinhas encontradas ao longo do litoral do Rio Grande do Sul (Scherer et al, 2011; Petry & Fonseca, 2002) e a lista CRBO, 2011. A partir destes dados foi possível listar as espécies de ocorrência na AI, apresentadas no **Quadro II.5.2.6.1-1**.

Quadro II.5.2.6.1-1 – Principais Espécies de Aves Marinhas que Ocorrem na Área de influência da atividade de perfuração do Bloco BM-P-02.

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Hábito	
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus dominicanus</i>	Gaivotão	C / R	
		<i>Sterna hirundinacea</i>	Trinta-réis-de-bico-vermelho	C / R	
		<i>Thalasseus sandvicensis</i>	Trinta-réis-de-bico-amarelo	C / R	
		<i>Thalasseus maximus</i>	Trinta-réis-real	C / R	
	Stercorariidae	<i>Catharacta</i> spp	Gaivota-rapeira	O / VM	
		<i>Stercorarius</i> spp	Gaivota-rapeira	O / VS	
Suliformes	Sulidae	<i>Sula dactylatra</i>	Atobá-mascarado	O / R	
		<i>Sula leucogaster</i>	Atobá-marrom	C / R	
	Fregatidae	<i>Fregata magnificens</i>	Fragata	CO / R	
Procellariiformes	Diomedeiidae	<i>Diomedea exulans</i>	Albatroz-errante	O / VM	
		<i>Diomedea dabbenena</i>	Albatroz-de-Tristão	O / VM	
		<i>Diomedea epomophora</i>	Albatroz-real-Meridional	O / VM	
		<i>Diomedea sanfordi</i>	Albatroz-real-Setentrional	O / VM	
		<i>Phoebetria fusca</i>	Piau-preto	O / VM	
		<i>Thalassarche chlororhynchos</i>	Albatroz-de-nariz-amarelo-do-Atlântico	O / VM	
		<i>Thalassarche chrysostoma</i>	Albatroz-de-cabeça-cinza	O / VM	
		<i>Thalassarche melanophris</i>	Albatroz-de-sobrancelha-negra	O / VM	
		Hydrobatidae	<i>Oceanites oceanicus</i>	Petrel-das-tormentas-de-Wilson	O / VM
			<i>Fregeta grallaria</i>	Petrel-das-tormentas-de-barriga-branca	O / VM
		Procellariidae	<i>Calonectris diomedea</i>	Petrel-de-bico-amarelo	O / VS
			<i>Daption capense</i>	Petrel-pintado	O / VM
			<i>Fulmarus glacialis</i>	Petrel-prateado	O / VM
			<i>Macronectes giganteus</i>	Pardelão-gigante	O / VM
			<i>Pachyptila</i> spp	Petrel-azul	O / VM
			<i>Procellaria aequinoctialis</i>	Pardela-preta	O / VM
<i>Procellaria conspicillata</i>	Pardela-de-óculos		O / VM		
<i>Pterodroma incerta</i>	Fura-bucho-de-capuz		O / VM		
<i>Puffinus gravis</i>	Pardela-de-sobre-branco		O / VM		
<i>Puffinus griseus</i>	Pardela-escura		O / VM		
	<i>Puffinus puffinus</i>	Pardela-pequena	O / VS		
Sphenisciformes	Spheniscidae	<i>Spheniscus magellanicus</i>	Pinguim-de-Magalhães	CO / VS	

Legenda: C: hábito costeiro; O: hábito oceânico; CO: hábito costeiro-oceânico; R: residente; VM: visitante meridional; VS: visitante setentrional.

Ainda no âmbito da área de influência e da caracterização da área costeira e marinha do Rio Grande do Sul, conforme solicitado no TR 011/11, o **Quadro II.5.2.6.1-2** apresenta as aves de hábitos mais costeiros, cuja ocorrência é bastante frequente nas praias para descanso e forrageamento, além dos Charadriiformes de hábitos costeiros já referenciados no **Quadro II.5.2.6.1-1**. Para a elaboração da lista que compõe o referido quadro, foram utilizados os trabalhos de Bencke *et al.* (2010); Costa & Sander (2008), Mader (2010); Petersen & Petry (2011) e a lista do CRBO (2011).

Quadro II.5.2.6.1-2 - Principais Espécies de Aves Marinhas que Ocorrem na Costa do Rio Grande do Sul

Ordem/Subordem	Família	Espécie	Nome Comum	Hábito	
Suliformes	Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá	R	
	Anhingidae	<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga	R	
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Charadrius semipalmatus</i>	batuíra-de-bando	VN	
		<i>Charadrius collaris</i>	batuíra-de-coleira	R	
		<i>Charadrius falklandicus</i>	batuíra-de-coleira-dupla	VS (R)	
		<i>Charadrius modestus</i>	batuíra-de-peito-tijolo	VS	
		<i>Oreopholus ruficollis</i>	batuíra-de-papo-ferrugíneo	VS	
		Haematopodidae	<i>Haematopus palliatus</i>	piru-piru	R
		Recurvirostridae	<i>Himantopus melanurus</i>	pernilongo-de-costas-brancas	R
		Chionidae	<i>Chionis albus</i>	pomba-antártica	VS
		Scolopacidae	<i>Tringa melanoleuca</i>	maçarico-grande-de-perna-amarela	VN
			<i>Tringa flavipes</i>	maçarico-de-perna-amarela	VN
			<i>Calidris canutus</i>	maçarico-de-papo-vermelho	VN
			<i>Calidris fuscicollis</i>	maçarico-de-sobre-branco	VN
			<i>Calidris himantopus</i>	maçarico-pernilongo	VN
Rynchopidae	<i>Rynchops niger</i>	talha-mar	R		

Legenda: R: residente; VN: visitante sazonal oriundo do hemisfério norte; VS: visitante sazonal oriundo do hemisfério sul

II.5.2.6.2 - Identificação dos Locais de Reprodução e Alimentação

A costa e as águas da plataforma continental e do talude do sul do Brasil sustentam populações de aves que nidificam no Ártico, na costa atlântica da Grã-Bretanha, nas ilhas oceânicas portuguesas, no Arquipélago de Tristão da Cunha, na Patagônia, nas Ilhas Malvinas, nos Arquipélagos de Geórgia do Sul e Orcadas do Sul, e na Península Antártica (Belton, 1976; Vooren, 1998; Belton, 2000; Sick, 2001). Na região do Sul do Brasil estas aves encontram os recursos ecológicos indispensáveis para a sua sobrevivência e o seu condicionamento físico entre as etapas dos seus ciclos migratórios (Vooren, 1998).

As espécies provenientes do hemisfério sul podem ser divididas em diversos grupos segundo a sua origem. São considerados migrantes do sul, aqueles provenientes da Patagônia, Ilhas Malvinas/Falklands, região antártica e subantártica, Nova Zelândia, além do Arquipélago de Tristão da Cunha e Ilha Gough. Essas espécies utilizam a área da plataforma continental e talude como local de alimentação durante o período reprodutivo, como no caso de *D. exulans* (Prince *et al.*, 1992) ou durante o período não reprodutivo, no caso de *D. epomophora* (Birdlife International, 2004b).

As aves que se reproduzem em Tristão da Cunha representam cerca da metade das espécies de Procellariiformes observados na Região Sudeste-Sul, incluindo espécies endêmicas como *Procellaria conspicillata*, *Pterodroma incerta* e *Diomedea dabbenena*, o que reflete a importância da região para a população proveniente daquelas ilhas. *Thalassarche chlororhynchos*, *Macronectes giganteus*, *Pterodroma mollis*, *Puffinus gravis*, *Oceanites oceanicus*, *Fregetta grallaria* e *Stercorarius antarcticus* são outras espécies que se reproduzem nas ilhas de Tristão da Cunha e Gough (Elliott, 1957; Gales, 1998) e são encontradas na costa sul e sudeste do Brasil.

Ainda sobre as espécies provenientes do hemisfério sul, dez têm reprodução registrada na Patagônia e/ou Ilhas Malvinas/Falklands: *Spheniscus magellanicus*, *Thalassarche melanophris*, *Macronectes giganteus*, *Pachyptila belcheri*, *Procellaria aequinoctialis*, *Puffinus griseus*, *Oceanites oceanicus*, *Stercorarius chilensis*, *Larus dominicanus* e *Sterna hirundinacea*. Apesar de *T. melanophris* se reproduzir também em ilhas subantárticas como as Geórgias do Sul, recapturas de aves anilhadas mostram que as que ocorrem na costa sul brasileira são provenientes das colônias das Ilhas Malvinas/Falklands (Olmos, 2002c). Estudos feitos com rastreamento por satélite têm mostrado que as aves das Geórgias do Sul migram preferencialmente para o sul da África (Prince *et al.*, 1998), embora alguns indivíduos provenientes deste último arquipélago migrem para o sul do Brasil (Phillips *et al.*, 2005).

Entre os migrantes do sul, várias espécies são provenientes da região antártica e subantártica, entre elas: *Diomedea exulans*, *Thalassarche melanophris*, *Macronectes spp. (giganteus/halli)*, *Oceanites oceanicus*, *Fulmarus glacialis*, *Daption capense*, *Pachyptila desolata*, *Procellaria aequinoctialis*, *Stercorarius antarcticus* e *Stercorarius maccormicki* (Costa *et al.*, 2011). Outras duas espécies são endêmicas da região da Nova Zelândia: *Diomedea epomophora* e *Diomedea sanfordi* (Gales, 1998).

Dentre os Visitantes Meridionais destacam-se o albatroz-de-nariz-amarelo-do-Atlântico (*Thalassarche chlororhynchos*), o albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*), a pardela-de-sobre-branco (*Puffinus gravis*), a pardela-preta (*Procellaria aequinoctialis*), a pardela-de-óculos (*Procellaria conspicillata*), o petrel-das-tormentas-de-Wilson (*Oceanites oceanicus*) e as gaivotas-rapineiras do Gênero *Catharacta spp.*, cuja ocorrência é mais comum nos meses de inverno e primavera (Neves *et al.*, 2006).

Dentre os Visitantes Setentrionais destacam-se o Petrel-de-bico-amarelo (*Calonectris diomedea*), a pardela-pequena (*Puffinus puffinus*) e as gaivotas-rapineiras do Gênero *Stercorarius spp.*, mais comuns no final da primavera e verão.

Dentre as aves costeiras destacam-se seis espécies, a saber: o gaivotão (*Larus dominicanus*), a fragata (*Fregata magnificens*), o atobá-marrom (*Sula leucogaster*), o trinta-réis-de-bico-vermelho (*Sterna hirundinacea*), o trinta-réis-de-bico-amarelo (*Thalasseus sandvicensis*) e o trinta-réis-real (*Thalasseus maximus*). Todas elas são residentes no Estado de São Paulo, Paraná e Santa Catarina e estão associadas a ilhas costeiras, utilizando-as para descanso, alimentação e reprodução (Branco *et al.*, 2004; Campos *et al.*, 2004; Krul, 2004).

As espécies residentes *Sula leucogaster* e *Fregata magnificens* reproduzem-se em ilhas costeiras e oceânicas desde o nordeste do Brasil até Santa Catarina (Bege & Pauli, 1988; Sick, 2001). *Larus dominicanus* e *Sterna hirundinacea* fazem seus ninhos em ilhas costeiras patagônicas (Yorio *et al.*, 1998), uruguaias (Escalante, 1970) e do Sudeste-Sul brasileiro (Branco, 2004; Krull, 2004; Campos *et al.*, 2004; Alves *et al.*, 2004; Efe, 2004).

No Litoral Sul de São Paulo há ilhas costeiras que são utilizadas por aves marinhas para nidificação, tais como a ilha da Queimada (*S. leucogaster*), Redonda (*L. dominicanus*), ilhote das Gaivotas (*T. maximus* e *L. dominicanus*) e Laje da Conceição (*T. maximus*, *L. dominicanus*); em Itanhaém, ilha Guararitama (*L. dominicanus*); em Peruíbe e ilha do Castilho (*S. leucogaster*, *S. hirundinacea*); em Cananéia (Campos *et al.*, 2004). No Arquipélago de Currais (PR) a reprodução de aves acontece durante todo ano (Krul, 2004). Em Santa Catarina, diversas ilhas abrigam milhares de pares reprodutivos de *S. leucogaster* e *F. magnificens*, principalmente nas ilhas Moleques do Sul (Branco *et al.*, 2006).

O Relatório Técnico “Avaliação e Ações Prioritárias Para a Conservação da Biodiversidade das Zonas Costeira e Marinha” (MMA, 2002) ainda considera como áreas prioritárias para a conservação de aves costeiras e marinhas 40 sítios, sendo 22 continentais e 18 insulares. Para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estas áreas compreendem:

- Ilha da Galé, Deserta, do Arvoredo, Ratonas Grande, Campeche, Ilhas Moleques do Sul, SC - Nidificação mista de aves marinhas (Área de extrema importância biológica).
- Ilhota de Fora e Ilha da Galheta, SC - Nidificação mista de aves marinhas (Área de muito alta importância biológica).
- Ilha dos Lobos, RS - Área de pouso de algumas espécies de aves (Área de alta importância biológica).
- Costa Norte do Rio Grande do Sul, RS - Área de pouso de aves migratórias neárticas e do hemisfério sul (Área de extrema importância biológica).
- Pontal sul da Barra, RS - Pouso de aves marinhas (Área de extrema importância biológica).
- Arroio do Navio, RS - Alta diversidade de habitats, com 40 espécies de aves (Área de extrema importância biológica).
- Cassino-Chuí, RS - Pouso e invernagem de aves migratórias (Área de muito alta importância biológica).

Alguns exemplos destas espécies podem ser observados na **Figura II.5.2.6.2-1**.



Fonte: Banco de Imagens Ecology Brasil

Atobá-mascarado (*Sula dactylatra*)



Foto: Vinícius Couto Alves.

Trinta-réis-do-bico-vermelho (*Sterna hirundinacea*).



Foto: Eri Schneider Costa

Albatroz-de-sobrancelha-negra (*Thalassarche melanophris*).



Foto: Érico Demari e Silva

Albatroz-de-nariz-amarelo-do-Atlântico (*Thalassarche chlororhynchos*)



Foto: Fábio Olmos, disponível em:
<http://www.icmbio.gov.br/cemave/modulos/fotos>. Acesso em
Maio de 2010

Pardela-preta (*Procellaria aequinoctialis*)



Fonte: http://www.vierayclavijo.org/html/paginas/cursos/cursos_2007/0702_chinijo/cuadernillo. Acesso em Abril de 2010

Pardela-de-bico-amarelo (*Calonectris diomedea*)



Fonte: <http://www.cresli.org/cresli/Birds>. Acesso em Dezembro de 2009

Pardela-de-sobre-branco (*Puffinus gravis*)



Fonte: <http://www.animalpicturesarchive.com>. Acesso em Dezembro de 2009

Alma-de-mestre (*Oceanites oceanicus*)

Figura II.5.2.6.2-1 - Algumas das Espécies de Aves Marinhas Costeiras e Oceânicas mais Comuns na Bacia de Pelotas.

II.5.2.6.3 - Espécies de Aves Marinhas Endêmicas, Raras e Ameaçadas

Segundo o Livro vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de extinção (Machado *et al.*, 2008), a maior ameaça identificada para as espécies de aves marinhas registradas no Brasil é a captura acidental em pescarias de espinhel. Centenas de indivíduos de Albatroz-de-nariz-amarelo-do-Atlântico são capturadas incidentalmente por barcos espinheiros que atuam no Sul do Brasil, especialmente na região da Convergência Subtropical, e também em águas internacionais, fora da plataforma continental, especialmente na região da elevação do Rio Grande. Estudos em Gough e Tristão da Cunha indicaram que as populações declinaram de 1,1 a 1,2% por ano. Entretanto, modelos populacionais preveem taxas anuais de declínio entre 1,5 e 2,8% em Gough e 5,5% em Tristão da Cunha. Tais declínios indicam uma redução de 58% ao longo de três gerações da espécie (71 anos).

A mesma pescaria realizada no sul do Brasil é responsável pela morte de centenas de indivíduos de Albatroz-de-sobrancelha-negra. Com base taxas de declínio populacional nas áreas de reprodução, infere-se que a espécie declinará

cerca de 65% ao longo de três gerações (65 anos). Como há poucas localidades onde a espécie está em crescimento, um declínio geral de 50% ao longo deste período é esperado (Machado *et al.*, 2008).

As aves que se reproduzem em Tristão da Cunha representam cerca da metade das espécies de Procellariiformes observados na Região Sudeste-Sul, incluindo espécies endêmicas como *Procellaria conspicillata*, *Pterodroma incerta* e *Diomedea dabbenena*. *Procellaria conspicillata*, espécie endêmica do grupo de Tristão da Cunha (Ryan, 1998), é considerada criticamente ameaçada de extinção ou em perigo de extinção (Birdlife International, 2004), com tamanho populacional de aproximadamente 9000 pares reprodutivos, segundo censo realizado em novembro de 2004 (ACAP, 2005).

Outras duas espécies são endêmicas da região da Nova Zelândia: *Diomedea epomophora* e *Diomedea sanfordi* (Gales, 1998).

Em meados da década de 1990, a frota brasileira de espinheleiros de fundo matava anualmente cerca de 724 indivíduos de *P. aequinoctialis*, e a pelágica, operando no Sul-Sudeste do Brasil, capturava anualmente, em média, 3.084 indivíduos. Da mesma forma, estima-se que a frota brasileira de espinheleiros que utilizam o método pelágico, operando no Sul-Sudeste do Brasil, capturava anualmente, em média, 568 indivíduos de *P. conspicillata*, enquanto os que utilizavam o método de espinhel de fundo foram responsáveis pela mortalidade de, aproximadamente, 197 indivíduos de *P. conspicillata* por ano, na mesma década (Machado *et al.*, 2008).

Quadro II.5.2.6.3-1 - Espécies de aves marinhas ameaçadas de extinção que ocorrem na área da atividade

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	MMA	IUCN
Procellariiformes	Diomedeiidae	<i>Diomedea exulans</i>	Albatroz-errante	EN	VU
		<i>Thalassarche chlororhynchos</i>	Albatroz-de-nariz-amarelo-do-Atlântico	VU	EN
		<i>Thalassarche melanophris</i>	Albatroz-de-sobrancelha-negra	Ameaçada	EN
		<i>Diomedea epomophora</i>	Albatroz-real-meridional	Ameaçada	VU
	Procellariidae	<i>Procellaria aequinoctialis</i>	Pardela-preta	VU	VU
		<i>Procellaria conspicillata</i>	Pardela-de-óculos	EN	VU
		<i>Pterodroma incerta</i>	Fura-bucho-de-capuz	Ameaçada	VU
		<i>Puffinus gravis</i>	Pardela-de-sobre-branco	-	VU
		<i>Puffinus griseus</i>	Pardela-escura	-	VU

Fonte: Machado et al, 2008; Costa et al, 2011. Legenda: VU: Vulnerável; EN: Endangered (em perigo)